

NOTAS SOBRE LIVROS/BOOKNOTES

LAKOFF, G. & M. JOHNSON (1999) *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books. 624p.

George Lakoff e Mark Johnson, quase duas décadas após a publicação de seu livro *Metaphors we live by* (1980), para muitos já considerado, senão um clássico, uma referência obrigatória na área da lingüística cognitiva, enfrentam agora, em sua obra *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*, o desafio de questionar os alicerces da filosofia ocidental através do que vêem como resultados ou “lições” de pesquisas empíricas provenientes das ciências cognitivas.

Em primeiro lugar, a mente seria “corporificada”, isto é, estruturada através de nossas experiências corporais, e não uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo. Da mesma forma, a razão não seria algo que pudesse transcender o nosso corpo: ela é também “corporificada”, pois origina-se tanto da natureza de nosso cérebro, como das peculiaridades de nossos corpos e de suas experiências no mundo em que vivemos. Com isso, descontrói-se o dualismo Cartesiano entre corpo e mente.

Em segundo lugar, quase todo pensamento é inconsciente, uma vez que não temos acesso aos mecanismos que nos permitem a, por exemplo, entender um simples enunciado (desde a identificação de um segmento de fonemas, até o fazer sentido semântico e pragmático deste enunciado, para citar apenas alguns desses inúmeros mecanismos envolvidos no processo de compreensão e produção lingüística). Segundo os autores, a própria consciência vai além da percepção de fenômenos físicos, ou da consciência que estamos conscientes; esta só é viabilizada por este conjunto vasto, inconsciente e inacessível que deve estar sempre em funcionamento para que a própria consciência possa operar.

A última grande implicação dos estudos das ciências cognitivas focalizada na obra em questão nos remete à tese central apresentada no *Metaphors we live by*: os conceitos abstratos são, em sua maioria, metafóricos. A descoberta de que, ao contrário do que prega a tradição platônico-aristotélica, que vê as metáforas como simples ornamentos dispensáveis de natureza poética ou retórica, a metáfora seria, fundamentalmente, um recurso de pensamento (logo, um aparato cognitivo) que nos faz falar, ver e agir sobre determinados fenômenos de uma maneira e não de outra. Metáforas conceituais como “discussão é guerra” e “tempo é dinheiro” foram amplamente discutidas e empiricamente demonstradas no primeiro livro através de vários exemplos de marcas lingüísticas dessas metáforas encontradas na língua inglesa.

Em *Philosophy in the Flesh*, no entanto, as metáforas conceituais mais exploradas são aquelas que fundamentam os conceitos mais caros à filosofia ocidental, como o de “eu”, “tempo”, “causalidade”, e até mesmo “moralidade”. Os autores procuram demonstrar como esses conceitos são metaforicamente fundamentados. Além de não serem de modo algum transcendentais ou racionais, eles surgiram de nossas experiências corporais com o meio em que vivemos.

Para deixar claro o objetivo de desafio às bases da filosofia ocidental (que já está explicitado no próprio título da obra), o livro é organizado em quatro partes: como a mente corporificada desafia a tradição filosófica ocidental, a ciência cognitiva das idéias filosóficas básicas, a ciência cognitiva da filosofia e, finalmente a filosofia corporificada.

Por/By: Solange Coelho Vereza
(Universidade Federal Fluminense)